

Artigo

**A REPERCUSSÃO DO SUICÍDIO NO ÂMBITO FAMILIAR: O SENTIDO DA
VIDA DOS SOBREVIVENTES**

**THE REPERCUSSION OF SUICIDE IN THE FAMILY ENVIRONMENT:
SENSE OF LIVE FROM SURIVIVORS**

Ângela Maria Alves da Rocha¹
Mayara Cristina de Araújo Dantas²
Larisse Helena Gomes Macedo Barbosa³
Tainan Martins do Nascimento⁴

RESUMO - A morte é a certeza comum do destino dos homens. Quase todas as pessoas, em algum momento de sua vida, vivenciarão a morte de alguém que compunha o seu sistema familiar. Considerando as conexões existentes entre membros de uma família, não é nada surpreendente que a vivência da morte seja algo que repercute em todos os membros daquele sistema. Alguns fatores estão diretamente relacionados com a vivência do luto, a natureza da morte do familiar é um deles. O alto índice de comportamento suicida na atualidade torna necessária a discussão dessa temática preocupante. Os impactos causados por essa epidemia ultrapassam o ciclo familiar, se tornando um problema de saúde pública. A logoterapia acredita que toda existência humana é rica de significado, sendo assim, essa abordagem se apresenta como terapêutica eficaz para a compreensão e assistência a indivíduos que apresentam comportamentos suicidas e suas famílias. O presente estudo é de caráter qualitativo e tem como objetivo compreender como os familiares de pessoas que cometeram suicídio

¹Discente nas Faculdades Integradas de Patos FIP

²Psicóloga pela UFPB, Especialista em Regime de Residência Multiprofissional pelo HU/UFPB, docente nas Faculdades Integradas de Patos FIP. E-mail mayaradantas.psi@gmail.com

³Psicóloga pela UFPB, Mestre e Doutora pela UFPB, docente nas Faculdades Integradas de Patos FIP. E-mail larissehelena@hotmail.com

⁴Discente em Nutrição nas Faculdades Integradas de Patos FIP. E-mail tainan1954@hotmail.com



Artigo

conseguem perceber o sentido da vida mesmo diante desse acontecimento, a pesquisa foi realizada na cidade de São José do Egito-PE, e teve como público alvo membros da família nuclear de jovens entre 14 e 22 anos de idade que cometeram suicídio nos últimos seis anos. Para coleta de dados, foi utilizada uma entrevista semiestruturada, um questionário sócio-demográfico e aplicado o *PIL-Test*. Os resultados encontrados revelam que ainda existe um tabu elevado quando se trata de morte por suicídio. Esses estigmas dificultam o processo de vivência do luto dos familiares sobreviventes. Evidenciou-se no estudo que a vontade de realizar sentido na vida persiste mesmo diante de realidades imutáveis como a morte.

Palavras-chave: Suicídio, Família, Sentido de vida.

ABSTRACT - Death is the common certainty of the destiny of men. Almost all people, at some point in their life, will experience the death of someone who made up their family system. Considering the connections between members of a family, it is not surprising that the experience of death is something that affects all members of that system. Some factors are directly related to the experience of mourning, the nature of the death of the relative is one of them. The high rate of suicidal behavior today makes it necessary to discuss this worrying issue. The impacts caused by this epidemic exceed the family cycle, becoming a public health problem. Logotherapy believes that all human existence is rich in meaning, and therefore, this approach presents itself as an effective therapy for understanding and assisting individuals with suicidal behaviors and their families. The present study is of a qualitative nature and aims to understand how relatives of people who commit suicide can perceive the meaning of life even in the face of this event, the research was carried out in the city of São José do Egito-PE, and had as target audience members of the nuclear family of 14- to 22-year-olds who committed suicide in the last six years. For data collection, a semi-structured interview, a socio-demographic questionnaire and the *PIL-Test* were used. The results show that there is still a high taboo when it comes to death by suicide. These stigmas make it difficult to experience the mourning of surviving relatives. It has been shown in the study that the will to make meaning in life persists even in the face of immutable realities such as death.

Keywords: Suicide, Family, Sense of life.



INTRODUÇÃO

O suicídio é um acontecimento que está presente na história da humanidade há bastante tempo, em todos os tipos de culturas. É considerado um acontecimento de origem multifatorial, e resulta de uma junção de fatores psicológicos, biológicos, genéticos, culturais e socioambientais. Portanto deve ser considerado como o resultado de uma série de fatores acumulados durante a história do indivíduo, não podendo ser visto como algo simples, mas sim como um resultado final de um processo (Carvalho 2014).

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), as taxas de suicídio vêm aumentando consideravelmente no mundo todo, se estima que no ano de 2020 possa ocorrer um aumento de 50% nos registros anuais de morte por suicídio, sendo que o número de óbitos advindos do suicídio a cada ano supera o número de mortes decorrentes de homicídio e guerras. Vale ainda lembrar que, cada suicídio acaba gerando um impacto na vida de, no mínimo, outras seis pessoas (Ministério da Saúde, 2016).

“O termo suicídio provém do latim “suicide”, que se origina do ‘sui’ que significa, “próprio”, e *caedere* “execução de matar”. Esse termo especifica a intenção de morte ou autodestruição, a prática do suicídio é algo espontâneo onde o indivíduo tem como finalidade provocar a sua própria morte. O suicídio pode ser praticado de várias formas, através de atos que buscam como resultado final a retirada da própria vida (envenenamento, enforcamento, tiro) ou até mesmo por recusa (omissão de alimentar-se) (Freitas & Abreu 2016).

Segundo dados expostos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) no ano de 2016, o Brasil é o oitavo país com mais suicídios. Em 2012, foram registrados 11.821 casos. A Índia está em primeiro lugar com 258 mil casos, segundo os dados do relatório, o suicídio é a segunda maior causa de mortes entre pessoas de 15 a 29 anos. No Brasil, uma pessoa por hora comete o suicídio, nesse mesmo período de tempo, outras três tentaram se matar, porém não chegaram a consumir o ato (Ministério da Saúde 2016). Apesar de o Brasil ser um país com o índice altíssimo de casos, o suicídio até então é visto de maneira subestimada, haja vista que a maior parte dos casos ainda não constam nos dados declarados oficiais. (Silva, 2017).



Artigo

O suicídio é considerado como um fenômeno complexo, um plano de evasão para se livrar da dor que na maioria das vezes acaba se tornando a própria fuga, a fuga da própria vida. Pesquisadores corroboram com a ideia de que não há um fator único capaz de ser responsabilizado pela tentativa e pelo ato suicida, porém na maioria dos casos é a junção de vários fatores: alcoolismo, uso de substâncias, perda de suporte familiar e social, depressão, desesperança, psicopatologias, dor psíquica incontrolável, vazio existencial, que por sua vez acaba acarretando uma perda no sentido da vida o que leva ao sujeito cometer o suicídio (Toro, 2017)

Todos os anos mais de um milhão de pessoas no mundo cometem suicídio, o que torna isso um problema social de enorme relevância para saúde pública. Embora os fatores que contribuem para prática do suicídio variem de acordo com grupos e populações específicas, o público que se encontra em maior nível de vulnerabilidade são os jovens, os idosos e os considerados socialmente isolados, como a população indígena (Vasconcelos, 2016).

O risco de um indivíduo cometer o suicídio aumenta entre aqueles com histórico familiar de suicídio ou de tentativa suicida, dados expostos pela associação brasileira de psiquiatria mostram que existem componentes genéticos, assim como ambientais, envolvidos nesse tipo de caso. A probabilidade de cometer suicídio aumenta ainda mais entre pessoas que foram casadas e que seu cônjuge cometeu o suicídio. O número de óbitos por suicídio é três vezes maior entre pessoas do sexo masculino do que entre pessoas do sexo feminino, porém o número de tentativas sem sucesso é três vezes mais frequente em mulheres. Nos homens, a solidão e o isolamento social são os principais fatores associados ao suicídio, o que muda consideravelmente quando se trata do público feminino, pois a mulher tem redes sociais de proteção mais fortes e se embaucam com mais facilidade do que os homens em tarefas domésticas e comunitárias, o que lhes concede um sentimento de pertença de grupo até o fim da vida (Associação Brasileira de Psiquiatria, 2016).

Apesar de todos os avanços em relação ao tema suicídio ainda existem erros e preconceitos que continuam sendo repetidos ao longo da história, contribuindo assim para a criação de um estigma sobre o comportamento suicida, o que acaba fazendo as pessoas se sentirem envergonhadas, excluídas e discriminadas. Portanto é de suma importância o esclarecimento e o conhecimento acerca do suicídio, para que se desconstrua e desmistifique a rotulação criada acerca do comportamento suicida (Santana, Sougey, & Silva 2015).



Artigo

Dentre as diferentes formas de manifestar e verbalizar a dor sentida ao perder um familiar por suicídio, o sentimento de autocupabilização é o primeiro que emerge, seja ele de forma explícita ou implícita, por meio de expressões narrativas ou totalmente carregadas de emoções, como choros e silêncios cheios de arrependimento e sentimentos de culpa, fazendo ainda mais presente nos familiares que mantinham vínculos afetivos e emocionais estreitos com o suicida (Silva, Figueiredo, Mangas, & Vieira 2012).

Para a família, a morte por suicídio é provavelmente a mais difícil de ser entendida e aceita, é bastante comum que os familiares tragam nos seus discursos elementos que demonstrem dúvidas acerca da causa do ocorrido, e se houve realmente o suicídio. Considerando que esse tipo de prática não se encaixa no conceito de boa morte, aquela que ocorre no seu tempo adequado e através de causas biológicas (Osswald, 2016).

Em virtude de todo o estigma relacionado ao suicídio, após a morte, além da família sofrer pela perda do familiar, ainda passam por uma fase de constrangimento, quando começam a sentir vergonha pelo ato acontecido. Essa vergonha, na maioria dos casos, ocorre devido a posturas de pessoas externas à família, como vizinhos que se afastam e amigos que reagem de formas inesperadas, passando a julgar o acontecido; ou até a espalhar informações falsas acerca do ocorrido. Este tipo de atitude acaba interferindo nas relações interpessoais dos familiares em processo de luto; e gerando conflitos intrafamiliares (Silva, Figueiredo, Mangas & Vieira, 2012).

A morte pode ser classificada em dois tipos, a esperada e a inesperada, e pode ou não envolver um período de necessidade de cuidados. Cada tipo de morte acarreta diferentes tipos de reações no âmbito familiar, porém a morte súbita é a que mais atinge a família, pois a mesma não está preparada e nem informada sobre a possibilidade disso vir a acontecer, dessa forma, a família tende a reagir em estado de choque a esse tipo de situação. Além da falta de estrutura psicológica para enfrentar a morte, em alguns casos, também ocorre a falta de preparação para lidar com as realidades advindas após essa morte (Leal, 2017).

Após a perda de um familiar por suicídio a família tende a ser tomada por uma sensação de desamparo, onde nada mais faz sentido, nem vale a pena, principalmente quando a relação familiar é de proximidade. Esse estado de dúvida constante aparece em função dos questionamentos acerca do “porquê”, qual motivo para tal ato, o que acaba levando a família a um questionamento geral acerca das condições de viver diante



Artigo

daquele momento de sofrimento que parece não ter fim, da existência e da vida como um todo (Dias, 2017).

O luto parental pela morte de um familiar que cometeu o suicídio não é algo fácil de ser aceitado e vivenciado. Após a morte do indivíduo a família passa por uma fase de questionamentos acerca da vida e do sentido de viver, porém é de extrema importância que os familiares não se entreguem ao total sofrimento, que busquem ressignificar o sentido dessa perda, modificando sua visão; e buscando a percepção de um novo sentido mesmo diante da situação de sofrimento inevitável (Neto, V. B. L., 2012).

Os sentidos são considerados únicos, mutáveis e nunca faltam, é possível que se mudem os sentidos, mas eles nunca deixarão de existir. A vida não perde completamente o sentido, nem mesmo quando o indivíduo se depara com uma realidade que não pode ser modificada, como por exemplo, a morte. O ser humano pode passar por situações adversas e experimentar um sentimento de desesperança em relação ao sentido de sua vida, porém não deve jamais esquecer que pode descobrir esse sentido até mesmo nos momentos mais difíceis experienciados por ele. Quando a realidade não pode ser modificada, o indivíduo pode mudar sua percepção e começar ver a situação de outra maneira, fazendo com que, o que por um momento pareceu o fim, possa ser, na verdade, um novo início (Frank, 1969).

É maior a cada dia o número de indivíduos que sofrem de um sentimento desagradável de vazio, falta de sentido na vida, geralmente conceituados pelas pessoas como “vazio interior”. O vácuo existencial faz parte de um fenômeno que vem crescendo e se espalhando em grande escala, o que se torna algo cada vez mais preocupante, levando em consideração que essa falta de sentido acaba gerando no indivíduo uma sensação de inutilidade, de estar apenas a vagar no mundo como se fossem objetos sem um real significado, uma falta de sentido para continuar vivendo diante desse sentimento de apenas existir, o que em muitos casos acaba sendo o fator chave para que essas pessoas venham a cometer o suicídio (Frankl, 1969).

Destarte, este estudo teve como objetivo geral compreender como o sentido de vida é percebido por familiares de sujeitos que cometeram suicídio, e como específicos, avaliar o sofrimento familiar e suas perspectivas de realização dos valores atitudinais, identificar possíveis sentimentos de culpa existentes nos familiares do sujeito que cometeu o suicídio e conhecer qual a percepção dos familiares sobre as circunstâncias que levaram os sujeitos a cometerem suicídio.



Artigo

MATERIAIS E MÉTODO

O estudo realizado é uma pesquisa de campo no que diz respeito aos procedimentos de coletas de dados será de abordagem qualitativa e de objetivos descritivos e exploratórios.

Participaram da pesquisa membros da família nuclear de jovens que cometeram suicídio nos últimos seis anos. O grau de parentesco entre os indivíduos entrevistados e o familiar falecido foram um pai, uma filha, três mães e cinco irmãos. A pesquisa foi realizada na cidade de São José do Egito-PE.

Contou-se com a participação de 10 familiares com idades variando de 19 a 31 anos de idade. Estiveram aptos a participar da pesquisa sujeitos, maiores de 18 anos, legalmente capazes, que residiam na cidade de São José do Egito-PE, e que fizessem parte da família nuclear do indivíduo que cometeu o suicídio nos últimos seis anos.

Foi utilizada uma entrevista semi-estruturada, abrangendo os seguintes conteúdos: sentimentos da família diante do suicídio, possíveis mudanças de comportamento do sujeito antes de cometer o suicídio, percepção da família sobre existência do motivo que o levou a praticar o ato, visão da família no processo da vivência do luto e possíveis preconceitos existentes acerca do suicídio. Utilizou-se também um questionário sócio demográfico que, segundo Campos (2001) desempenha duas funções: descrever as características e medir determinadas variáveis de um indivíduo ou de um grupo.

Este projeto foi elaborado e realizado considerando-se os aspectos éticos pertinentes às pesquisas envolvendo seres humanos, conforme orientado pela “Resolução no 466/12 Sobre Pesquisa Envolvendo Seres Humanos” (Brasil: Ministério da Saúde, Conselho Nacional de Saúde, 2012).

A coleta de dados foi realizada nas residências dos familiares do indivíduo que cometeu o suicídio. Inicialmente, contato telefônico com as famílias dos indivíduos foi estabelecido, nesse momento, foi explicado aos familiares qual o intuito do estudo, esclarecidos todos os aspectos éticos e sanadas todas as eventuais dúvidas.

Na segunda etapa, foram reforçadas as implicações éticas da pesquisa, esclarecida qualquer dúvida que ainda se apresente e nesse momento. Com a concordância das famílias, foram preenchidos os Termos De Consentimento Livre Esclarecidos (TCLE).



Artigo

Após isso, iniciou-se a coleta de dados, com a aplicação o questionário sócio demográfico e o Pil-test. Ao final desse processo, foi realizada a entrevista semi estruturada com a finalidade de perceber a visão e os sentimentos existentes na família após perder um familiar por suicídio.

Por fim, fez-se uso do PIL-Test (Purpose in life-Test), instrumento de caráter quantitativo, desenvolvido por Crumbaugh e Maholich (1964), validado por Nobre (2016) com o objetivo de verificar o nível de sentido da vida e de vazio existencial. Os 20 itens desse instrumento formam uma escala do tipo Likert, variando em sete pontos, estes tem como extremos 1= “discordo totalmente” e 7= “concordo totalmente”.

As entrevistas semi-estruturada foram realizada de acordo com a análise de conteúdo de Bardin, que segundo Silva e Fossá (2017), se fundamenta em três fases essenciais, a primeira fase chamada de pré análise, onde acontece a exploração do material, tratamento dos resultados e estabelecimento de uma estrutura de trabalho precisa com procedimentos bem definidos, ainda que estes sejam flexíveis. A segunda fase que consiste na efetivação das decisões que já foram estabelecidas e tomadas antes, e a terceira fase onde o pesquisador tem como base os resultados brutos adquiridos e a partir daí busca torná-los significativos e válidos. A partir disso, foi possível elencar quatro categorias de análise.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Descritivos

Inicialmente, para fins de caracterização da amostra, foi realizada a análise descritiva dos dados coletados através do questionário sociodemográfico, ou seja, frequência e porcentagem da amostra foram elencados quanto ao sexo, estado civil, religião conforme pode ser observado na Tabela 1.



Artigo

Tabela 1. *Frequência e porcentagem da amostra quanto ao sexo, estado civil e religião*

Variável	Níveis	F	%
Sexo	Masculino	6	60,0
	Feminino	4	40,0
Estado Civil	Solteiro	7	70,0
	Casado	2	20,0
	Divorciado	1	1,0
	Viúvo	0	0
Religião	Católico	7	70,0
	Outras	3	30,0

Deste modo, pode-se observar que o sexo que prevaleceu foi o masculino com (60%) dos participantes, o estado civil foi o solteiro com (70%), e a religião católica com (70%) dos participantes.

Posteriormente foi realizada a análise dos dados obtidos através da entrevista semiestruturada, onde apartir da análise de conteúdo de Bardin (2011) foi possível elencar quatro categorias de análise. A categorização foi realizada a partir de dados que se mostraram relevantes no processo de análise da entrevista. Inicialmente, foi realizada a pré-análise e organização inicial dos dados coletados, elencando as categorias e formando subcategorias para estas, visando uma melhor compreensão dos dados obtidos.

A primeira categoria foi nomeada como: **1. Percepção de sentido de vida**, dividida em quatro subcategorias, sendo elas a) Sentido diante da terminalidade b) Valores vivenciais, c) Valores criativos, d) Sentido de vida em planos futuros.



Artigo

Tabela 2 *Categorização das Entrevistas Percepção de sentido de vida*

Categoria	Subcategoria	Unidade de análise	Frequência
Percepção de sentido na vida	Sentido diante da terminalidade	Mudanças ocorridas após o suicídio do familiar	7x
		Consigo ver um sentido para minha vida	9x
	Valores vivenciais	Encontro o sentido da minha vida na minha família	8x
		Vejo esse sentido de vida no meu relacionamento	2x
	Valores criativos	Encontro o sentido da minha vida nos meus estudos	2x
		Encontrei esse sentido de vida no meu trabalho	4x
	Sentido de vida em planos futuros	Encontrei o sentido de vida nos meus planos futuros de casar, ter filhos e ajudar minha família.	4x

A tabela 3 se refere aos dados coletados na entrevista semiestruturada, acerca da percepção que os familiares dos indivíduos que cometeram suicídio têm do seu sentido na vida. De acordo com os resultados encontrados é possível observar que o fator que revelou maior frequência foi *Consigo ver um sentido para minha vida* (9x), seguido de *Encontro o sentido da minha vida na minha família* (8x), *Mudanças ocorridas após o suicídio do familiar* (7x), *Encontrei esse sentido de vida no meu trabalho* (4x), *Encontrei o sentido de vida nos meus planos futuros de casar, ter filhos e ajudar minha família* (4x), *Vejo esse sentido de vida no meu relacionamento* (2x), e *Encontro o sentido da minha vida nos meus estudos* (2x). Os fatores apresentados acima corroboram a ideia de Santos (2017) onde o mesmo relata que após a morte do indivíduo a família passa por uma fase de questionamentos acerca da vida e do sentido de viver, porém é de extrema importância que os familiares não se entreguem ao total sofrimento, que busquem ressignificar o sentido dessa perda, modificando sua visão; e buscando a



Artigo

percepção de um novo sentido mesmo diante da situação de sofrimento inevitável, pois os sentidos são únicos e mutáveis.

É possível se observar essa discussão nas seguintes falas:

“Hoje vejo esse sentido que me motiva viver, na minha família, no meu emprego, no meu relacionamento”. (Familiar 2)

“Eu sempre acreditei que tudo que acontece em nossa vida reflete na gente, e depois de perder o meu irmão eu tive ainda mais certeza, os acontecimentos nos modificam, mudando assim nosso sentido das coisas, inclusive da nossa vida”. (Familiar 7)

“Hoje encontro o sentido de vida no meu trabalho e na minha família. Mas passei muito tempo da minha vida estagnada, sem objetivos, escolhas, sem vontade de nada”. (Familiar 7)

A segunda categoria foi nomeada como: **2) Sofrimento familiar diante do suicídio**, compostas por duas subcategorias sendo essas a) *Emoções*, b) *Sentimentos*.



Artigo

Tabela 3. Categorização das Entrevistas Sofrimento familiar diante do suicídio

Categoria	Subcategori a	Unidade de análise	Frequênci a
Sofrimento familiar diante do suicídio	Emoções	Tristeza	8x
		Dor	4x
	Sentimentos	Impotência	7x
		Preconceito	9x
		Misto de sentimentos	5x
		Não aceitar a morte	5x
	Angústia	5x	

De acordo com a tabela 4 é possível observar que na categoria 2) sofrimento familiar diante do suicídio, o fator mais frequente foi, *preconceito (9x)*, em seguida, *tristeza (8x)*, *impotência (7x)*, *misto de sentimentos (5x)*, *não aceitar a morte (5x)*, *angustia (5x)*, *dor (4x)*. Os dados obtidos através da tabela ratificam a ideia de Figueiredo, Silva e Mangas (2012) onde afirmam que em virtude de todo o estigma ainda relacionado ao suicídio, após a morte, além de a família sofrer pela perda do familiar, passam por uma fase de constrangimento, que segundo a literatura é algo predominante nas famílias de indivíduos que cometeram suicídio, os mesmos passam a sentir vergonha pelo ato acontecido. Essa vergonha, na maioria dos casos, ocorre devido a posturas de pessoas externas à família. Este tipo de atitude geralmente acaba interferindo nas relações interpessoais dos familiares em processo de luto e por vezes gerando conflitos intrafamiliares. A raiva, a angustia, o preconceito social, a recusa em aceitar a situação, são sentimentos bastante comuns a serem vivenciados pelos familiares de indivíduos que cometeram suicídio, o sofrimento gerado a partir da separação repentina acaba trazendo ao familiar uma sensação de total desamparo.

Confirmando o exposto, segue abaixo algumas falas dos participantes onde é possível observar relatos que corroboram com a teoria acima citada:

“Acho que o preconceito existe sim! principalmente por religiosos que acreditam que os suicidas estão condenados ao inferno ou a viver vagando sem rumo pelo mundo, eles tratam a lembrança do suicida



Artigo

*como uma coisa muito ruim, as vezes até nem pensam que a pessoa que cometeu o suicídio era um ente querido e cheio de qualidades”.
(Familiar 5)*

*“Os sentimentos eram muito variados, lembro-me que me sentia abandonada pelos meus pais, achava que meus pais tinham sido egoístas em me abandonar, mas também existia o meu sentimento de culpa, de impotência e de raiva por parte do resto da minha família. sentia que podiam ter conversado mais é ajudado a evitar a tragédia”
(Familiar 5)*

*“Foi uma junção de diversos sentimentos, desespero, tristeza, uma sensação de impotência diante daquele momento uma dor de perder alguém de forma tão inesperada, porque quando você já estar consciente de que alguém da sua família pode morrer é uma coisa mas quando acontece assim do nada, você perde todas as estruturas”.
(Familiar 9).*

A terceira categoria foi intitulada por **3) Compreensão das circunstâncias que levaram o sujeito ao suicídio**, dividida em subcategorias nomeadas como a) *Questões psico-noéticas* b) *Questões psicossociais*, c) *Incompreensão*.

Tabela 4. *Categorização das Entrevistas Compreensão das circunstâncias que levaram o sujeito ao suicídio*

Categoria	Subcategoria	Unidade de análise	Frequência
Compreensão das circunstâncias que levaram o sujeito ao suicídio	Questões psico-noéticas	Se livrar do vazio	5x
		Depressão	1x
	Questões psicossociais	Acumulo de dívidas e drogas	1x
	Incompreensão	Não sabe o motivo	8x



Artigo

De acordo com a tabela 5 é possível observar que o fator que mais esteve presente na categoria, compreensão das circunstâncias que levaram o sujeito ao suicídio, *foinão sabe o motivo (8x)*, sendo seguido por *se livrar do vazão (5x)*, *depressão (1x)* e *acumulo de dívidas e drogas (1x)*.

Diante disso, Ramos (2017) ressalta que o índice de suicídio tem aumentado cada vez mais atualmente, e que as principais motivações a serem consideradas são: o stress, o desemprego, as dívidas, violência, desilusões, frustrações, desigualdade social, carências, exigências de responsabilidades, dentre outras, porém existem ainda diversos aspectos que podem levar o indivíduo a cometer o suicídio, como, incapacidade da pessoa em ver solução para os seus problemas, pressões com responsabilidades financeiras, desemprego, o humor deprimido, desespero emocional, carência afetiva, a ausência de relações sociais, o isolamento e, diversas vezes, a indisponibilidade por parte das pessoas em ouvir o sofrimento do próximo.

O vácuo existencial faz parte de um fenômeno que vem crescendo e se propagando em grande proporção, pessoas que trazem como demanda uma falta de sentido para a própria existência, a busca constante do porque, uma ausência de sentido que acaba desencadeando nos indivíduos sensações desagradáveis de inutilidade. Os sentidos são únicos, porém aptos a passar por mudanças, jamais deixarão de existir, mas é possível que sejam ressignificados (Frank, V.E 1969).

Segue abaixo duas falas dos entrevistados que ratificam os dados expostos acima:

“Assim, o verdadeiro motivo até hoje ninguém sabe, mas muito apático, de vez em quando dava uma melhorada assim de 90%, ficava muito alegre assim, mas depois ficava triste de novo, desapareceu por alguns dias, algumas pessoas ainda tentaram ajudar mas acabava que falavam demais, que era frescura, que podia ser manha, cada um dizia uma coisa diferente, mas ninguém nunca chegou pra ele pra perguntar, “Você quer ajuda? Ninguém nunca perguntava nada, só julgava e dizia ser besteira”. (Familiar 2)

“Até hoje não se sabe ao certo o real motivo, mas eu creio que foi o acúmulo de dívidas e drogas”. (Familiar 5)

“Como eu falei anteriormente eu não consegui perceber nada de diferente naquele momento, cheguei a ouvir algumas ele dizer que



Artigo

“não via mais alegria nas coisas, e vi algumas publicações nas redes sociais, mas nunca me apeguei a isso, pra mim aquilo não fazia sentido, eu nunca imaginei que algo viesse a acontecer” (Familiar 7)

A quarta e última categoria foi nomeada como: 4) **Culpa**, composta por três subcategorias a) *Tentativa de reparação*, b) *Sentimento de culpa*, c) *Questionamentos*.

Tabela 5. *Categorização das Entrevistas Culpa*

Categoria	Subcategoria	Unidade de análise	Frequência	
Culpa	Tentativa de reparação	Desejo de mudar a situação	3x	
	Sentimento de culpa	Me sentia culpado (a)	5x	
	Questionamentos	Onde falhamos?		3x
		Como pude não perceber nada?		4x
		Onde eu errei?		3x

A Tabela exposta acima, nos traz dados da categoria Culpa, onde o fator frequentemente apresentado foi, *me sentia culpado (5x)*, seguido de, *como não pude perceber nada?(4x)*, *desejo de mudar a situação (3x)*, *onde eu errei (3x)*, e *onde falhamos (3x)*. O que ratifica a teoria de Silva e Marinho (2017), onde os mesmos afirmam que, a possibilidade de surgimento de aspectos reacionais é algo consideravelmente existente na vida de quem perde um ente, sentimentos como, incredulidade, inconformismo, temores, angústia, e autoimpotência são vivenciados no momento da perda, geralmente quando essa perda ocorre de maneira inesperada existe uma maior potencialidade de desorganização do indivíduo. Tal fato pode ser constatado nos casos de suicídio onde ocorre uma experiência de aniquilamento existencial, os sobreviventes na maioria das vezes se calam diante dos seus íntimos e inúmeros questionamentos e possíveis justificativas, buscando de alguma maneira apaziguar os sentimentos emergentes, já que as interrogações jamais serão inteiramente respondidas. Sentimentos como a raiva pelo indivíduo ter retirado a vida de maneira repentina e injustificável; impotência; ludibriação; frustração; desamparo e também culpa



Artigo

costumam estar presente nos familiares sobreviventes ao suicídio (Silva, & Marinho 2017).

Confirmando o exposto, segue abaixo algumas falas dos participantes que corroboram com as informações acima citadas:

“Tristeza era tudo que resumia o momento, ficávamos buscando um porque para aquilo tudo e não existia, nós simplesmente não sabíamos o que fazer, era uma impotência muito grande, um sentimento de culpa, por não ter feito nada, não há como explicar tudo que se passava naquele momento”. (Familiar 2)

“Tristeza, impotência, um misto de sensações que não tem como explicar, a gente pensava no porque daquilo acontecer, onde falhamos, porque não conseguimos perceber a tempo de mudar o rumo daquela situação, e ter evitado toda aquela dor”. (Familiar 3)

“Foram os mais diversos sentimentos, primeiro o desespero em busca de um porque aquilo estava acontecendo, depois a dor, a tristeza de perder alguém que era tão importante pra mim, uma impotência muito grande, e um dos piores foi o sentimento de culpa, eu ficava pensando em como eu não puder perceber nada, nós vivíamos na mesma casa, frequentávamos os mesmos lugares, mas eu estava tão focado na minha vida, no meu trabalho, no meu mundo, no “meu eu”, que eu não fui capaz de perceber que meu irmão implorava por ajuda, e eu não o ajudei, foi uma das piores coisas que já passei”. (Familiar 7)

Exploratórios

Com o objetivo de conhecer as pontuações dos participantes no *PIL-Test*, foi tirada a média nos dois fatores da escala, para cada familiar, bem como, a média geral de todos eles.



Artigo

Tabela 6. *Descrição da pontuação dos familiares nos fatores do PIL-Test*

Familiares	Vazio Existencial	Sentido de Vida
	Média	Média
Familiar 1	2,5	7,0
Familiar 2	3,5	3,8
Familiar 3	2,8	5,9
Familiar 4	3,0	4,8
Familiar 5	2,2	4,7
Familiar 6	2,8	4,8
Familiar 7	2,3	4,6
Familiar 8	3,8	4,9
Familiar 9	2,4	5,1
Familiar 10	3,2	4,1
Media Geral (DP)	2,8 (0,49)	5,0 (0,90)

Com base nos dados obtidos através da análise do *PIL-Test* é possível observar os fatores onde os familiares pontuaram e onde o *score* foi mais baixo. Os resultados obtidos ratificam o discurso dos familiares.

O familiar 2 pontuou a média de 3,5 em vazio existencial e 3,8 em sentido de vida.

“Apesar de muita coisa hoje eu vejo um sentido pra minha vida, apesar de dias difíceis onde achei que não iria suportar tudo, onde achei que nada tinha sentido, acho que consegui me reerguer novamente, embora algumas vezes ainda seja tudo muito confuso e dolorido”. (Familiar 2).

Considerando a fala acima citada, Ferreira e Marx (2017) relatam que o vácuo constitui um paradoxo, onde mesmo que o indivíduo venha a lhe vivenciar em algum momento da vida, a mesma continua oferecendo ao sujeito uma vasta possibilidade de sentidos a serem realizados. Porém quando existe bloqueio nessa realização de sentido o sujeito passa por um vácuo gerado a partir da frustração derivada de acontecimentos, e para que o indivíduo consiga enxergar essa possibilidade vasta de realização ele deve se lançar para ‘fora’, numa abertura para o mundo em que vive. Foi evidenciado durante a fala do indivíduo que o mesmo, consegue perceber que a vida é rica de sentidos, porém



Artigo

existe um bloqueio gerado a partir de morte do seu familiar que não lhe permite realizar esse sentido.

Os familiares 4, 5, 6 e 7 pontuaram positivamente no fator sentido de vida com médias de 4,8; 4,7; 4,8 e 4,6. Já no fator vazio existencial as médias foram de 3,0; 2,2; 2,8 e 2,3.

“Hoje eu consigo perceber que minha vida tem um sentido e que ele estar nas mais diversas coisas do dia a dia. Meus estudos, meus pais, meus planos futuros, em diversas coisas”. (Familiar 4)

“É muito difícil pensar sobre isso, acho que o sentido da minha vida varia de acordo com os meus objetivos”. (Familiar 5)

“Hoje vejo ele no meu trabalho e na minha família. Mas passei muito tempo da minha vida estagnada, sem objetivos, escolhas, sem vontade de nada”. (Familiar 5)

“Vejo o sentido da minha vida nas mais diversas coisas, desde minhas metas de futuro até a minha família”. (Familiar 6)

“Eu passei algum tempo a esmo, sabe? Era como se nada fizesse sentido, mas depois que eu encontrei a carta dele e que vi muita coisa lá eu mudei algumas visões minhas, e isso me fez muito bem, embora eu ainda sinta falta, saudade, e tristeza algumas vezes”. (Familiar 7)

Corroborando as informações acima citadas, Aquino (2017) ressalta que o sentido de vida sempre pode ser modificado, até mesmo diante de situações imutáveis, o indivíduo pode perceber esse sentido de três formas distintas, criando um trabalho ou praticando algum ato, experimentado algo ou encontrando alguém e através das atitudes que tomamos diante do sofrimento inevitável. A partir dos resultados foi possível se observar que os familiares conseguiram realizar sentido mesmo diante do evento traumático de perder alguém da família.

Os familiares 1, 3, 8, 9 e 10 obtiveram alta pontuação em sentido de vida, obtendo como resultados 7; 5,9; 4,9; 5,1 e 4,1, e em vazio existencial os familiares obtiveram um *score* bem mais baixo 2,5; 2,9; 2,8; 3,4 e 3,2.



Artigo

“Existem fatos que mudam totalmente sua vida, e ainda bem que eles mudam, porque isso nos dá a chance de acreditar num amanhã melhor quando estamos passando por momentos difíceis”. (Familiar 1).

“Apesar de ter tido dias difíceis depois do ocorrido, hoje eu consigo ver a vida como algo maravilhoso, a terapia me auxiliou muito nesse processo, passei a ver a vida de outra maneira depois disso”. (Familiar 3)

Os relatos expostos acima nos trazem a visão de que se a vida tem sentido como um todo, o sofrimento como parte da vida também o tem. E para Frankl (1969) os sentidos são considerados únicos, mutáveis e nunca faltam, é possível que se mudem os sentidos, mas eles nunca deixarão de existir. A vida não perde completamente o sentido, nem mesmo quando o indivíduo se depara com uma realidade que não pode ser modificada, como por exemplo, a morte. O ser humano pode passar por situações adversas e experimentar um sentimento de desesperança em relação ao sentido de sua vida, porém não deve jamais esquecer que pode descobrir esse sentido até mesmo nos momentos mais difíceis experienciados por ele. Quando a realidade não pode ser modificada, o indivíduo pode mudar sua percepção e começar ver a situação de outra maneira, fazendo com que, o que por um momento pareceu o fim, possa ser, na verdade, um novo início.

“Vejo esse sentido no meu trabalho, e na minha família, em especial no meu filho que trouxe uma luz a mais para minha vida”. (Familiar 3)

“Se existe algo que eu posso dizer hoje é “que não existem dias difíceis que não passem”, eu passei muitos dias sem ver sentido em nada, sem ter um porquê, me questionando sobre a vida, mas hoje se tem algo que eu posso dizer, se tem algum conselho que eu posso dá, é não desistam, outras coisas vão te fazer viver, sua família, seus sonhos, seus filhos, se permitam, eu sei que não é fácil, mas a vida é uma constante mudança e graças a essa mudanças hoje eu vejo um sentido pra continuar vivendo, precisei de um apoio pra ver esse sentido, precisei de ajuda psicológica para enxergar além, mas hoje



Artigo

eu consigo ver, e tudo que eu sempre peço é que outras pessoas tenham a mesma oportunidade que eu tive, de ver a vida com outros olhos, como se diz".(Familiar 10)

Embora exista proximidade, todos os sujeitos tenderam positivamente ao sentido, mesmo que em menor intensidade, esses resultados corroboram o estudo de Lima e Rosa (2008) que ressaltam, as pessoas tornam-se completas de fé e esperanças quando acreditam num sentido, diante disso o sofrimento pode ser superado pela esperança que pode emergir diante de uma situação de sofrimento vivenciada pelo indivíduo.

CONCLUSÃO

O que os resultados indicam neste estudo está dentro de uma realidade vivida com sofrimento por parte dos familiares de jovens que cometeram suicídio, tendo em vista que ainda é recorrente o preconceito social acerca dessa temática. Relatos e resultados encontrados revelam que ainda existe um tabu elevado quando se trata do suicídio, estigmas e preconceitos que dificultam ainda mais o processo de vivência dos familiares sobreviventes. De acordo com os resultados do estudo também pôde ser evidenciado que o sentido de vida pode ser encontrado até mesmo diante de realidades imutáveis como a morte.

O suicídio é considerado um fenômeno social à nível nacional que vem aumentando o número das estatísticas, principalmente na faixa etária dos jovens, de acordo com dados expostos pela OMS (organização mundial de saúde) o Brasil é o oitavo país no mundo em número de suicídios. Entre 2000 e 2014 houve um aumento de 10,4% na quantidade de mortes, sendo mais de 30% em jovens o que o transforma num problema social preocupante não apenas pelos efeitos sobre a pessoa que o comete, mas também pelas consequências psicológicas que pode gerar nos familiares e pessoas próximas ao suicida. Na contemporaneidade, a morte trata-se de um tema que não é inserido nas pautas dos diálogos sociais e familiares, principalmente quando essa morte se dá por suicídio. Por este motivo, falar de morte e principalmente de suicídio, com suas reações e implicações é altamente desafiador.



Artigo

Diante da tentativa de cumprir os objetivos do estudo, algumas limitações foram percebidas. Além da dificuldade de acessibilidade aos familiares, também se sobressai a resistência em se falar sobre o tema em evidência. Porém convém destacar que essas limitações vêm a tornar o estudo relevante diante do estigma ainda existente quando se trata do suicídio.

Através dos resultados alcançados, sugerem-se mais pesquisas voltadas ao tema, levando em consideração que o número de estudos voltados aos sobreviventes ao suicídio ainda é um pouco escasso. Grande parte dos estudos encontrados priorizam apenas o indivíduo em si, e não os familiares que passaram por essa perda inesperada. Acredita-se que estudos com ênfase no âmbito familiar possibilite compreensões mais amplas acerca do indivíduo ou grupo que o expresse.

No mais, como perspectiva futura, espera-se que este estudo tenha relevância acadêmica e social, uma vez que fundamentará novas pesquisas e contribuirá para a compreensão acerca do tema. É também esperado que fomente reflexões e impulsione a sociedade a direcionar seu olhar para discussões a respeito desta problemática, que se faz tão emergente no cenário atual.

REFERÊNCIAS

OLIVEIRA GOMES, Juliana et al. **Suicídio e Internet: análise de resultados em ferramentas de busca**. Psicologia & Sociedade, v. 26, n. 1, 2014.

AQUINO, Thiago Antonio Avellar de et al. **Estilos de fé e sentido da vida**. Psicol. argum, v. 31, n. 75, p. 665-676, 2013

CARVALHO, Júlio Neves de. **O efeito do fenômeno de suicídios coletivos na geração de renda**. 2014.

DIAS, Melissa Caroline Hermann. **A morte anunciada: considerações sobre a ética da psicanálise no suicídio**. 2017.

FRANKL, Viktor Emil. **A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia**. São Paulo: Paulus, 2011.



Artigo

FREITAS, Amanda Pereira Barbosa et al. **O fenômeno do suicídio entre profissionais da saúde: uma revisão bibliográfica**. B. (2017). O vazio existencial em interface com o uso de drogas sob a ótica da Logoterapia e análise existencial. *Faculdade Sant'Ana em Revista*, 1(1).

FIGUEIREDO, Ana Elisa Bastos et al. **Impacto do suicídio da pessoa idosa em suas famílias**. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 17, n. 8, p. 1993-2002, 2012.

LIMA, Adriana Brait; ROSA, Darci de Oliveira Santa. **O sentido de vida do familiar do paciente crítico**. 2008.

LEAL, Maria Pires da Cruz et al. **A compreensão dos discursos de enfermeiras sobre o cuidado à criança con-vivendo com câncer na à luz da psicologia fenomenológico-existencial**. 2017.

TORO, Giovana Vidotto Roman. **Tentativa de suicídio: vivências dos profissionais de saúde no pronto-socorro**. 2017. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

NETO, Valdir Barbosa Lima. **Morte e sentido da vida: Tanatologia e Logoterapia, um diálogo ontológico**. *Revista Logos & Existência: Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial*, v. 1, n. 1, 2012.

NOBRE, Marco Antonio Ratts. **Purpose in Life Test (PIL-Test): evidências de validade e precisão**. *Revista Logos & Existência: Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial*, v. 5, n. 1, 2016.

OSSWALD, Walter. **Sobre a morte e o morrer**. Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2016.

RAMOS, V. A. **COMO PREVENIR O SUICÍDIO**. *Psicologia*. pt, 2017.

SANTOS, Karla Kniphoff dos. **As representações de uma população acerca do suicídio**. 2017.



Artigo

SILVA, Andressa Hennig; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. **Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos.** Dados em Big Data, v. 1, n. 1, p. 23-42, 2017.

Vasconcelos, F.E, (2016) **Avaliação Psicológica e os fatores de risco do suicídio.**

DA SILVA, Lorena Galvão Barreto; DE SÁ MARINHO, Carlos Antônio. **SUICÍDIO: ASPECTOS REACIONAIS E O PROCESSO DE ELABORAÇÃO DO LUTO NA FAMÍLIA.** 2017.

DA SILVA, Tatiana de Paula Santana; SOUGEY, Everton Botelho; SILVA, Josimário. **Estigma social no comportamento suicida: reflexões bioéticas.** Revista Bioética, v. 23, n. 2, p. 419-426, 2015.

SILVA, João Luisda. **Suicídios invisibilizados: investigação dos óbitos de adolescentes com intencionalidade indeterminada.** 2017. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

ROCHA SILVA, Cristiane; CHRISTO GOBBI, Beatriz; ADALGISA SIMÃO, Ana. **O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método.** Organizações rurais & agroindustriais, v. 7, n. 1, 2005.

